

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Curso de Bacharelado em Museologia



Monografia

**Um Dilema Conceitual:
a (im)precisão das definições de ‘ecomuseu’**

Sandra Halfen Silveira

Pelotas, 2010.

SANDRA HALFEN SILVEIRA

**Um Dilema Conceitual:
a (im)precisão das definições de ‘ecomuseu’**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Daniel Maurício Viana de Souza

Pelotas, 2010.

Banca examinadora:

Prof. Ms. Daniel Maurício Viana de Souza (orientador)

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Dedico essa monografia àqueles
que durante meus 21 anos se
dedicaram incondicionalmente a
mim, meus pais, Sandro e Eliana.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer ao corpo docente do Curso de Bacharelado em Museologia, a todos os professores que se fizeram presentes e indiscutivelmente foram importantes por acrescentar conhecimentos em torno do campo museológico que eu pouco conhecia. Cito alguns que além de agregarem os conhecimentos aprendidos foram importantes em outros momentos: professor Daniel, que topou ser meu orientador, apoiar na minha pesquisa, auxiliar no meu trabalho e exigir de mim nos momentos necessários; professor Diego, que além de professor foi um amigo e me proporcionou a entrada no estágio do Museu Gruppelli, local onde muito aprendi e coloquei em prática os conhecimentos vistos em aula; e a professora Cláudia Tomaschewski que me apresentou o acervo da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, ambiente onde realizei meu primeiro estágio e continuei até este último semestre.

Agradeço aos meus pais, Sandro e Eliana que participaram deste trabalho comigo e me auxiliaram em diversas situações, em especial nas visitas ao Ecomuseu da Picada, local que devido ao difícil acesso fazia-se necessário a ida de automóvel, assim realizando a visita, participando nas trilhas e mesmo nos momentos ruins, susto com insetos, atolada de carro continuaram ali comigo, sem eles essa pesquisa não teria ocorrido. A minha irmã Natália, que quando necessário leu meu trabalho, opinou e acrescentou muito. Ao meu namorado William, que assim como minha irmã auxiliou nos momentos de escrita, me apoiou nessa atividade e agüentou meus momentos de desespero. Aos meus avós, Sergio e Clotilde, que me alegram estando sempre presentes em minha vida e que junto com meus pais, são responsáveis por ter construído quem eu sou. Aos tios, tias, primos e primas que me viram crescer ou cresceram comigo, parte de mim, sonhos, também foram construído com vocês. Ao meu sobrinho Bernardo, pois ele faz os meus dias mais felizes.

Aos colegas que assim como os professores acrescentaram, através de discussões em aula ou em conversas fora dela, conhecimentos que levarei comigo. Em especial às colegas que se tornaram amigas nessa jornada: Darlene e Taciana, que estiveram do início até hoje comigo, poder contar com vocês foi muito importante; Maristela, minha amiga e parceira de Gruppelli, nossas comilanças, conversas, confissões, faziam de meus dias na colônia mais alegres, saudade; a Luciana, amigona que surgiu durante o curso e que me auxiliou muito nesse trabalho, no MSN discussões, problemas, decepções relacionadas ao TCC aconteciam; a Nathalia amiga que também surgiu no decorrer do curso e me auxiliou também para realizar

este trabalho; a Leticia, outra amiga que ganhei ao longo dessa jornada. Aos colegas Vanessa e Matheus que opinaram no início da minha monografia assim auxiliando no tema, em que atividades realizar, obrigada por me ajudarem expondo suas idéias. As amigas Luise, que desde a infância é presente na minha vida; a Lara, que desde a infância esteve ali, mas passamos a se fazer presente na adolescência; e também aquelas que mesmo não estando presente hoje fizeram e aconteceram comigo.

Agradeço à Angelita, secretária do Curso de Museologia, mas que é além disto, está sempre disposta a auxiliar e ouvir nossos problemas, mesmo que não envolvam seu cargo, por estar disposta a me ajudar, conversar e por ter me ajudado, já que ingressei quase um mês após o início da aula, a enfrentar o medo do que desconhecia, esta era a primeira vez que entraria em uma sala de aula sem conhecer ninguém e ainda por cima chegando mais tarde, para minha alegria encontrei essa pessoa brilhante que ainda por cima conhecia minha mãe há mais de 23 anos.

Agradeço ao Cledenir, atual diretor do Ecomuseu da Picada, com quem eu fiz meu primeiro contato, e me apresentou a Dulce, proprietária do Ecomuseu, que me acolheu muito bem e esteve disposta a sanar minhas dúvidas. Cauê, que esteve sempre disposto junto com a Dulce, auxiliando para eu compreender alguns fatos e quando necessário me ajudando através de e-mails.

Agradeço a Deus por ter me oportunizado estar aqui, aprender com essa turma e professores e ter me proporcionado o encontro de amigos.

Resumo

SILVEIRA, Sandra Halfen. **“Um Dilema Conceitual: a (im)precisão das definições de ‘ecomuseu’”**. 2010. 42f. Monografia (graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

O conceito de ecomuseu, cunhado em 1971 por Hugues de Varine, definido em 1972 por George Henri Rivière, e aprimorado por esse último em 1980, é controverso e discutível, sendo por vezes, mal empregado em algumas instituições. A integração entre o patrimônio, uma comunidade participativa, meio ambiente e um território definido, são elementos essenciais para um ecomuseu. Busca-se através deste estudo além de observar o que é um ecomuseu, analisar uma das instituições que utiliza essa denominação, procurando identificar as relações com o ecomuseu proposto por Rivière. A instituição escolhida para tal análise foi o Ecomuseu da Picada.

Palavras-chave: Ecomuseu, Ecomuseu da Picada, Patrimônio, Meio Ambiente.

Abstract

SILVEIRA, Sandra Halfen. “**Um Dilema Conceitual: a (im)precisão das definições de ‘ecomuseu’**”. 2010. 42f. Monografia (graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

The concept of ecomuseum, coined in 1971 by Hugues de Varine, defined in 1972 by George Henri Rivière and refined by the latter in 1980 is controversial and arguable, being sometimes misused in some institutions. The integration among estates, a participative community, environment and a defined territory are essential elements for an ecomuseum. This study intends to observe what an ecomuseum is and also to analyze one of the institutions that use that denomination, seeking to identify its relations with the concept proposed by Rivière. The institution that was chosen for that purpose was the “Ecomuseu da Picada”.

Keywords: Ecomuseum, Ecomuseu da Picada, Estates, Environment.

Lista de Figuras

Figura 1: Imagem do livro de visitantes do Ecomuseu da Picada, assinado por Rui de Sousa Martins.....	24
Figura 2: Panela usada para “graxeira”.....	26
Figura 3: Bacia e jarro de porcelana.....	27
Figura 4: Documento comprovando o registro do casarão como patrimônio de interesse sócio-cultural de Rio Grande.....	28
Figura 5: Documento de inclusão no Sistema Estadual de Museus do RS.....	28
Figura 6: Casarão antes de estar com problemas estruturais.....	29
Figura 7: Casarão com danos estruturais, sustentado com escoras de madeira.....	29
Figura 8: Figueiras Centenárias.....	30

Lista de Gráficos

Gráfico 1: A população conhece o Ecomuseu da Picada?.....	31
Gráfico 2: A população visita a instituição?.....	32
Gráfico 3: A população se reconhece no Ecomuseu?.....	32
Gráfico 4: O Ecomuseu é importante para população?.....	33

Sumário

Introdução.....	12
CAPÍTULO 1: Ecomuseu.....	15
1.1 Conceitos e Definições	15
1.2 Patrimônio, Comunidade, Território	19
CAPÍTULO 2: Ecomuseu da Picada	23
2.1 Histórico	23
2.2 Preservação do Patrimônio	26
2.3 Relação com a “comunidade”.....	31
Considerações Finais.....	35
Fontes Primárias.....	37
Referências Bibliográficas.....	38
Apêndice.....	41

INTRODUÇÃO

O termo ecomuseu surgiu em 1971, pelas mãos de Hugues de Varine. Em 1972 George Henri Rivière definiu com mais profundidade conceitual o que seria essa instituição e mais tarde, em 1980, em uma reunião internacional do Conselho Internacional de Museus-ICOM, Rivière aprimorou tal definição. Algum tempo depois, este autor afirmou que a definição de ecomuseu variava de acordo com o ecossistema e a comunidade que vive no território no qual a instituição se encontra.

Ao tratar de ecomuseu, inevitavelmente lidamos com fenômenos tais como, patrimônio material e imaterial, comunidade, território e meio ambiente. Pois em ecomuseus devem estar presentes elementos patrimoniais e suas relações inerentes ao meio ambiente, à cultura atual e culturas que naquele território habitaram. A comunidade deve ser ativa nesses espaços, auxiliando na escolha do que preservar e no momento de monitorar os visitantes.

Por se tratar de um território que agrupa memórias de diversas culturas e possuir um ecossistema vasto, que representa a história da região e das sociedades que por esse local passaram, o ecomuseu despertou o meu interesse. A compreensão do que realmente se tratava, tendo em vista as diversas confusões em volta do termo, conduziram minhas pesquisas. A visita a algum local que se dissesse ecomuseu na região, para analisar aspectos referentes ao que havia lido, foi importante para observar em que essa instituição se assemelhava com a definição e conceito de ecomuseu.

A definição de ecomuseu ainda é alvo de discussões e debates entre profissionais de diversas áreas. Na atualidade, muitos distorcem o conceito do que seria um ecomuseu. Sendo assim, esse trabalho tem o intuito expor as discussões em torno do ecomuseu, suas definições e aplicações. Por ser um conceito atual, muitos museus passaram a utilizar essa terminologia. Aqui buscaremos mostrar quais objetivos e o que as instituições devem possuir para se denominar efetivamente ‘ecomuseu’.

Para realizar esse trabalho foram feitas revisões bibliográficas, visitas ao Ecomuseu da Picada, entrevistas com a proprietária desta instituição e aplicação de questionário com pessoas que moram no distrito de Povo Novo, local em que está localizado o referido Ecomuseu. A revisão bibliográfica foi feita com intuito de angariar perspectivas e definições diversas que pudessem embasar mais profundamente a discussão acerca do fenômeno ecomuseu, além dos debates que giram em torno dele, e também a posterior análise do

Ecomuseu da Picada. A visita ao Ecomuseu da Picada foi realizada a fim de observar empiricamente se aquele local se enquadrava nas definições de ecomuseu, e quais as semelhanças com demais instituições deste tipo, intentando-se ainda, a valorização desta instituição museológica, independente da sua tipologia. A entrevista realizada com os moradores de Povo Novo foi realizada com objetivo de saber se as pessoas que moram no distrito conhecem o Ecomuseu da Picada.

Antes de proceder a entrevista de história oral com a proprietária do Ecomuseu da Picada, foi realizada uma visita a instituição. Esta visita foi feita a fim de que no momento da pesquisa, dúvidas acerca do acervo e do território, fossem esclarecidas além de informações referentes à construção do casarão, à família que ali morou, o que eles produziam, quais objetos eram mais importantes para proprietária, entre outras. Simone Freitas (2002), diz que “*Os depoimentos resultam em fontes históricas que são, por excelência, qualitativas*”. Em seguida, foi realizada outra visita ao Ecomuseu da Picada, com objetivo de fotografar o patrimônio da referida instituição.

O questionário aplicado aos moradores de Povo Novo, possuía perguntas fechadas, que tinham como objetivo saber se o entrevistado conhecia o Ecomuseu da Picada, se sabia quais os objetivos da instituição, se já havia visitado o local e se via-se representado e participante da instituição. Foram aplicados um total de quinze questionários na zona urbana do distrito de Povo Novo, onde posteriormente buscou-se analisar se parte dos habitantes conheciam o Ecomuseu da Picada e se possuíam contato com ele.

Durante o período em que esta pesquisa estava sendo desenvolvida, esteve em Pelotas Hugues de Varine, que foi questionado algumas vezes acerca dos ecomuseus. Varine, no entanto, disse que para ele não há uma definição para o termo ecomuseu, que essa é apenas uma terminologia usada por instituições que não querem ser rotuladas simplesmente como “museu”. Isso faz com que vejamos o quão polêmico é o assunto “ecomuseu”, já que o próprio criador da terminologia hoje a considera inválida.

O Ecomuseu da Picada está localizado na cidade de Rio Grande, na área rural do distrito de Povo Novo, na antiga Fazenda da Picada. O local possui um casarão de tradição luso-açoriana do século XIX, acervo da época e uma biodiversidade, onde existem trilhas. Antes de se tornar ecomuseu em 1995, a instituição teve outras denominações, inclusive de residencial. Atualmente o local está aberto somente para pesquisas acadêmicas devido a problemas estruturais no casarão.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está dividido em dois capítulos. O primeiro discorre sobre as discussões e debates em torno da definição de ecomuseu. Nele apresento características que estas instituições devem possuir, que serão mais adiante analisadas no estudo sobre o Ecomuseu da Picada. Falo do “Museu do Tempo” e “Museu do Espaço”, categorias conceituais que devem estar presentes nestes locais. Abordo o patrimônio, a comunidade e o território, aspectos que também devem fazer parte de um ecomuseu.

O segundo capítulo será dedicado ao Ecomuseu da Picada. Nele será mostrada a história do casarão até se tornar museu e o patrimônio que se busca preservar naquele local. Neste capítulo veremos ainda, se a comunidade se reconhece no Ecomuseu através da entrevista realizada.

1. Ecomuseu

Durante os últimos trinta anos, no campo da Museologia percebe-se diversos esforços na busca de uma relação mais estreita entre os museus e os meios, ambiente e social, nos quais estão inseridos. Algumas experiências neste sentido aconteceram durante algum tempo, porém sem uma definição ou mesmo uma conceituação específica. O termo “ecomuseu” foi cunhado em 1971 por Hugues de Varine, e foi definido em 1972, por Georges Henri Rivière. Neste capítulo mostrarei o surgimento e o desenvolvimento do conceito de ecomuseu, além dos debates e discussões que ele provoca. Em seguida, discutirei acerca da relação que o ecomuseu deve manter com a construção do patrimônio em uma comunidade e território específicos.

1.1 Conceitos e Definições

Na perspectiva “eco” que se desenvolveu amplamente durante o século XX, a natureza passa ser vista numa espécie de relação simbiótica e indissociável com o meio social, uma vez que ambos interagem e interferem-se respectivamente. Isso fez com que espaços de preservação da natureza como, por exemplo, os Parques Naturais não fossem mais definidos apenas como local de preservação ecológica. Georges Henri Rivière¹ percebeu – assim como uma série de estudiosos de diversas áreas do conhecimento – que a cultura e a natureza estavam ligadas e como consequência, estes locais passaram a preservar semblantes de determinada região, mostrando a relação humana com a flora e fauna e buscando manter as atividades tradicionais da população habitante.

Segundo Hugues de Varine (2007), o termo ‘ecomuseu’ surgiu na Assembléia Geral do ICOM, em 1971. Havia uma reivindicação acerca da importância dos museus de ciência naturais, enquanto local de educação ecológica e relativa ao meio ambiente. Com isso adotou-se o termo ecomuseu, que inicialmente deveria referenciar os parques naturais regionais que estavam sendo criados na França. O autor, no entanto, chama a atenção para o fato de que, no ano de 1974, o Museu Le Creusot–Montceau – surgido em 1972, baseado nas noções de

¹ George Henri Rivière iniciou o Museu das Artes e Tradições Populares em 1937. Foi diretor do ICOM - Conselho Internacional de Museus, onde incentivou que os museus ligassem o passado ao presente e pensassem no futuro. Em 1946 impulsionou a renovação do Museu de História do Rennes, sua primeira construção relacionada ao que seria o ecomuseu. (PESSOA, 2001)

território, comunidade, e globalidade do patrimônio – por motivos de oportunismo político-administrativo, solicitou e obteve o título de ecomuseu, apesar de não estar de acordo com tal designação. Esse museu, na época, se tornou uma nova categoria de ecomuseu, chamado “ecomuseu de desenvolvimento”, classificação criada para diferenciá-lo do “ecomuseu meio ambiente”.

Varine afirma ainda que a Mesa-Redonda de Santiago do Chile 1972, foi importante para definição do Le Creusot como um novo tipo de museu, já que ela trata de um novo conceito, a qual foi denominada “museu integral”, local este que deverá interagir com diversas disciplinas, não só visando o passado, pensando também no presente e no futuro, estando assim a serviço da comunidade. Em 1984, na Declaração de Quebec tal ecomuseu passou a ser reconhecido pelo campo museológico, servindo como modelo para o desenvolvimento de uma nova tipologia de museu.

y Le Creusot se convirtió en un punto de referencia para todos los museólogos que buscaban algo nuevo, especialmente tras el seminario de Santiago de Chile. Fue el punto de partida de una herejía que se alzó en el seno del mundo de los museos y que se autodenominó “Nueva Museología”. Esta nueva corriente se organizó en grupos nacionales (Canadá, Portugal, Francia) y después en un Movimiento Internacional para una Nueva Museología (MINOM). Desde entonces se sigue trabajando y debatiendo en cuanto a definiciones, estatutos, terminologías y prácticas. Unos, hablan de ecomuseología, otros, de museología comunitaria y, otros, de nueva museología. El MINOM, a través de sus talleres internacionales periódicos, trabaja especialmente con el concepto de la función social del museo (o del ecomuseo) (VARINE, 2007 p. 22).

Georges Henri Rivière, em 1972, em uma reunião internacional do Conselho Internacional de Museus-ICOM, elaborou uma definição para ecomuseu que foi aprimorada em 1980:

Un Ecomuseo es un instrumento ideado, fabricado y explotado conjuntamente por un poder y una población, entendiendo por poder los expertos, las facilidades y los recursos que este aporta, y por población las aspiraciones, conocimientos y facultades de aproximación de la misma

Para este autor, o ecomuseu é um “laboratório”, na qualidade de local que contribui para o estudo histórico e contemporâneo da comunidade, e auxilia na formação de especialistas de campos como: arqueologia, história, sociologia, geologia e biologia; um “conservatório”, como local que preserva o patrimônio natural e cultural da comunidade e; uma “escola”, como local que estuda e protege a comunidade, ajudando-a a compreender melhor os problemas do futuro. O mesmo Rivière, mais tarde, argumenta que a definição de

ecomuseu é bastante variável, dependendo do ecossistema e da sociedade que vive naquele determinado ambiente. É a sociedade que o cria, pois o ecomuseu é uma reflexão da população, reflexo da cultura e das tradições daquele território. Hugues de Varine durante algum tempo também pensou dessa forma², acreditando que o ecomuseu era um território, um patrimônio, e uma comunidade, na qual se reúnem cultura e comunidade em um espaço comum e compartilhado. Assim como Rivière ele também acreditava que cada ecomuseu definia seus contornos conceituais de acordo com seus objetivos, a sociedade, o contexto cultural, econômico e social e o que os seus organizadores procurariam representar.

Além da fauna, flora e culturas atuantes, o ecomuseu deve apresentar as formações geológicas da região, os primeiros habitantes, o que eles realizavam, quais culturas atuaram naquele local, dentre outros. Para isso, em espaços museológicos como estes, geralmente terão que atuar pesquisadores da área da geologia, da botânica, da história, sociologia, assim por diante. A população que vive na região deve impreterivelmente atuar no ecomuseu. Eles deverão auxiliar na escolha do que pretendem mostrar da sua cultura e emprestar objetos para que façam parte de exposições. Alguns podem receber os visitantes em sua casa para que observem como eles vivem e o que utilizam, auxiliar na hora de realização de oficinas, auxiliar em caso de guiar visitas, já que ele conhece o que ali acontece.

Varine (2000) afirma que os ecomuseus ainda não possuíam um “estatuto” vigente e que para ele criar um estatuto, ou seja, uma espécie de *set* com normas e padrões a serem seguidos por todas as instituições deste tipo, seria tirar a chance destes locais se desenvolverem, pois sua formatação seria certamente baseado somente no modelo de um ecomuseu específico. E como entende-se da própria essência do conceito, um ecomuseu é um fenômeno que se desenvolve e atua intrinsecamente arraigado às especificidades de cada ecossistema e de cada comunidade em particular. O autor sugere, no entanto, que tais instituições fossem compostas a partir de três “comitês” gerais:

- os usuários recrutados exclusivamente dentro da área de cobertura do ecomuseu, divididos em eleitos locais ou representantes setoriais (delegados dos grupos habitantes);
- os técnicos e animadores, recrutados, parte no âmbito do ecomuseu (professores, eruditos, militantes da ação sociocultural), parte fora dele (especialistas altamente qualificados de certas disciplinas, membros da equipe permanente do ecomuseu);
- os administradores, representado oficialmente as coletividades, órgãos, administrações e grupos que financiam ou aportam serviços *in natura* ao ecomuseu (VARINE, 2000, p. 81).

² Os motivos que o levaram a repensar a questão, serão explicitados mais adiante neste mesmo capítulo.

Segundo Pessoa (2001), o ecomuseu deve estruturar-se a partir de dois pilares metodológico-conceituais fundamentais: o “Museu do Tempo” e o “Museu do Espaço”. O “Museu do Tempo”, deverá localizar-se em um prédio que tenha relação direta com a história da comunidade e do território. Neste local haverá artefatos e informações que mostrem desde a formação do solo daquela região até o ecossistema. O “Museu do Tempo” deve apresentar o espaço para os visitantes e deve incentivá-los à visita, para isso o número de objetos no local não deve ser muito grande, evitando deixar quem assiste cansado. O “Museu Espaço” será o território que se encontra o ecomuseu, é o circuito onde o visitante irá ver o que lhe foi apresentado no “Museu do Tempo”, ele irá ver os prédios históricos, vai ver as possíveis formações geológicas, além de observar a fauna, a flora e as tradições locais.

Em entrevista realizada em 1996 por Mário Chagas, Hugues de Varine, mostrou seu descontentamento com a terminologia ecomuseu, utilizada inadvertidamente por outros tipos de museus, além dos que abarcassem a intrínseca relação entre patrimônio, comunidade e território.

O que pode ser considerado como um fracasso é a procura de uma nova museologia sob o nome de Ecomuseu ou de Ecomuseologia. A confusão em torno da palavra, a moda que fez com que centenas de museus locais ou industriais se criassem com este nome, quando nada tinham de comunitário, a definição ambígua de G.H. Rivière, a utilização abusiva do museu da comunidade Le Creusot-Montceau como modelo (quando não se tratava senão de um ecomuseu no começo e ainda menos de um modelo), tudo isto faz com que a tentativa de alguns de identificar a nova museologia com essa palavra seja um erro (CHAGAS, 1996, p. 11).

Pessoa (2001), também comenta sobre o uso indevido do termo ecomuseu. Ele acredita que hoje seja difícil de trabalhar com a população, mas se não trabalhamos com ela não possuímos um ecomuseu, já que um dos seus objetivos é que a sociedade que ali vive se observe, o público primordial do ecomuseu é a sociedade que o realiza, para que ela valorize o que faz. Sendo assim o autor sugere que passemos a chamar de “Museu de Interpretação da Paisagem” os locais onde se busca assim como no ecomuseu conservar, a história geológica de uma região, os prédios históricos, moinhos, culturas, no entanto sem a participação ativa da população.

Em resposta à entrevista já citada, realizada em 1996 por Mário Chagas, Varine, fala da transformação do ecomuseu em museus de outras tipologias. Em 2007, Varine continua a acreditar que após alguns anos os ecomuseus serão transformados em museus de outros tipos.

Isso acontece segundo ele porque há uma nova geração pensando e agindo no ecomuseu, diferente daquela que o criou.³

El ecomuseo es un proceso que empieza con la iniciativa o participación de una generación activa durante la fase de construcción. El ecomuseo corresponde, pues, a un estado cultural, que es el de dicha generación en un momento temporal concreto y en respuesta a ciertos objetivos. La continuación del proceso irá necesariamente de una generación a la otra, y después a las siguientes. ¿Qué sucede después? El ecomuseo puede desaparecer, convertirse en un museo clásico (como ha sucedido en la actualidad con Le Creusot), o transformarse en algo diferente, que la nueva generación activa inventará allí mismo (VARINE, 2007, p. 26).

Diante de toda a argumentação aqui apresentada, podemos aferir que a categoria “ecomuseu” possui possibilidades conceituais bastante variadas e controversas. O uso desta terminologia para diversas tipologias de instituições, fez com que surgissem inúmeros debates em torno de sua consistência teórica e prática. Museus que possuem algo semelhante ao que essa categoria representa, fazem uso, muitas vezes, indevidamente, do rótulo “ecomuseologia”. Devemos estar atentos quanto ao real envolvimento destes ditos ecomuseus com a população, observando também se ele insere a comunidade nos processos de desenvolvimento daquela região. Um ecomuseu deve contar e mostrar a história do solo, da fauna, da flora, das culturas que ali habitaram e as contribuições que tiveram para o ambiente e arquitetura existentes. Esta instituição deve fazer com que a comunidade, que vive no território sinta-se representada e valorizada.

1.2 Patrimônio, Comunidade e Território

Durante muito tempo o conceito de “patrimônio” relacionava-se unicamente à elementos de arquitetura e objetos antigos e históricos. De acordo com a definição proposta pela Constituição Brasileira⁴, o “patrimônio cultural” passa a levar em consideração as

³ Em resposta aos questionamentos a cerca do ecomuseu em visita recente a cidade de Pelotas, Hugues de Varine disse que ecomuseu para ele é apenas uma palavra e que não existe um conceito para defini-la. Para ele atualmente ecomuseu é termo que utilizam quando não querem chamar um museu de museu.

⁴ O artigo 216 da Constituição brasileira diz que: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.” <http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf215a216.htm> acesso em 01/05/2010.

diversas produções do homem, a natureza, objetos, arquitetura, monumentos, representantes do passado ou do presente, desde que pelo homem fosse considerado algo contemplativo, que fizesse parte de sua identidade, de sua memória, de observação de seus antepassados.

Preservar um patrimônio é preservar a memória dos antepassados, a nossa memória, a nossa identidade, locais que nos representem, dentre outros. Tanto autoridades como cidadãos comuns podem decidir o que deve ou não ser preservado. No entanto, muitas vezes, o que é tombado, ou seja, considerado patrimônio pelas autoridades políticas, não possui valor para a sociedade que não se identifica com o bem que deverá ser protegido. A comunidade acaba assim, por vezes, cometendo atos de vandalismo contra o bem, desvalorizando-o.

Homero (2006) chama a atenção para o fato de que há diferenças entre preservar e proteger. A preservação, que existe há bastante tempo, é o fato de documentarmos, através de fotografias, escrita, e outros. Ela pode ser realizada tanto pela população quanto pelas autoridades, visando registrar alguns aspectos em determinadas épocas. A proteção que surgiu em 1937 no Decreto-lei de número 25, passou a tombar acervos que deveriam ser mantidos e, se necessário, restaurados de acordo com o original. Todo bem protegido é um bem preservado.

Objetos os quais se atribui o *status* de patrimônio, servem muitas vezes para representar uma realidade que não poderá ser retomada, uma realidade passada. Este fator faz com que algumas vezes a sociedade eleja alguns acervos como patrimônio, buscando “materializar acontecimentos”. Essa é uma busca pelo “esquecido”, pelo irretomável.

De acordo com Homero (2006), anteriormente o patrimônio era sempre algo material. Posteriormente entretanto, depois de anos de reflexões e debates, passou-se a considerar a existência de um patrimônio imaterial. Há muitas discussões em torno do patrimônio intangível, pois não temos como protegê-lo para que não deixe de existir, em termos tangíveis. Ao contrário do patrimônio material, o imaterial será documentado para preservar o conhecimento, mas a sua existência dependerá dos descendentes, pois o patrimônio imaterial é passado de geração para geração, sendo os herdeiros responsáveis por manter aquela tradição. O patrimônio imaterial não é tombado, protegido, ele é apenas documentado, preservado.

É impossível dar essa garantia de continuidade a um fazer, pois obrigar as pessoas a participar dessas manifestações não pode ser objeto de lei[...]. O que se pode pensar nesses casos é o registro dos eventos, o qual preservará o conhecimentos de sua existência para o futuro, mas não impedirá o seu

desaparecimento. Esse é o espírito do decreto do patrimônio imaterial: documentar, e não proteger (HOMERO, 2006, p. 110).

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, o patrimônio material é composto por bens culturais definidos de acordo com a sua natureza. Para isso existem quatro livros de tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; artes aplicadas. Esses bens também são divididos em móveis e imóveis. O patrimônio imaterial segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura-UNESCO (2003) são:

práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural.

Gonçalves (2005), comenta que é possível dizer que o patrimônio pode ser herdado ou adquirido. Ele pode ser herdado quando representa a coletividade da população local, quando passa de uma geração para outra expressando aquela sociedade. E o patrimônio pode ser adquirido quando ele está relacionado, por exemplo, ao trabalho, que busca aperfeiçoar os métodos usados nas atividades.

O homem já habitou muitas regiões, assim interferindo no meio ambiente. Por isso a natureza pode ser considerada patrimônio, já que ela contou com mudanças devido à presença de humanos, que ali caçaram, colheram e modificaram conforme suas necessidades. Sendo assim parques naturais podem ser patrimônio como local de preservação paisagística e como testemunho da atuação do homem nele.

Se por patrimônio se entende tudo quanto o homem produz em ligação com a Natureza que o rodeia, trata-se de toda a paisagem que nos envolve e em que nos integramos, e não existe um fundamento sério para se falar de paisagem natural e de paisagem cultural, já que a influência humana não escapa nenhuma parcela do nosso espaço, em terra ou mar (PESSOA, 2001, p. 87).

Galícia (2000), fala que a “comunidade” é um o grupo social que deve possuir os mesmos objetivos, anseios e necessidades. Em um ecomuseu a comunidade é o grupo de pessoas que vivem naquele território e se assemelha, passa por dificuldades parecidas e busca algo em comum. Essa população será responsável por auxiliar nas atividades e nas considerações de patrimônio do ecomuseu. Ela é responsável pela organização, preservação e uso do patrimônio. A união da comunidade deve servir também para que ela perceba quais

são os problemas socioeconômicos, políticos e culturais que ela sofre, para que assim ela possua consciência dos problemas e possa buscar soluções.

Como el museo, la Comunidad es um concepto. Bajo el título “comunidad” nos referimos a inumeras representaciones de la sociedad humana – desde la comunidad global, que incluye todos los habitantes del planeta Tierra, hasta La familia, como menor núcleo comunitario. Hay tambien las comunidades dichas “biológicas”, constituídas por conjuntos de seres vivos con características comunes. Así, las plantas de una floresta, los peces de un acuario ou una colonia de microbios son también comunidades – de las cuales, inclusive, tratan museos. Como comunidad somos aun nosotros, profesionales de museos. (SCHEINER, 2000, s.p.)

Gonçalves (1996), afirma que se a sociedade estiver perdendo o seu patrimônio ela estará ameaçada de destruição, enquanto comunidade que representa o modo de seus antepassados, pois se nada representa aquele grupo, ele está desvalorizado diante dele mesmo e sujeito ao esquecimento. Para tanto a observação dos seus valores, são importantes para permanência da identidade daquela população, tendo em vista que a defesa do patrimônio cultural faz com que a comunidade re-valorize sua cultura.

Segundo Santos (2000), o território são os limites geográficos que, nesse caso, abriga o ecomuseu. Nessa região se encontram o ecossistema, a arquitetura, a comunidade, e os acervos a serem preservados, ou seja, o território além de ser definido pela área geográfica, também é definido pela afinidade cultural da população. É nesse local que ocorreram modificações, na área ambiental e humana, que serão apresentadas inicialmente em um prédio específico e após poderão ser observadas na região. A comunidade será responsável, juntamente com pesquisadores pela seleção do que mostrar, o que considerar patrimônio, o que contar nesse território. Sendo assim, um ecomuseu possui território delimitado. Seu patrimônio é considerado pela comunidade que ali vive e também por pesquisadores que fazem levantamentos relativos à morfologia do território, a fauna e flora local, além dos povos que anteriormente ali estiveram, dentre outros fatores.

É importante que cada estado e município tenha suas políticas de proteção ao patrimônio. Tendo em vista que temos regiões diversificadas, diversas manifestações, acervos distintos, diferentes obras. Deixar que a proteção fique somente ao encargo da Constituição Federal, é fazer com que muitas culturas e comunidades sejam esquecidas e desvalorizadas.

2. Ecomuseu da Picada

O Ecomuseu da Picada, assim denominado em 1995, é uma propriedade que busca preservar e apresentar o casarão do século XIX, residência que possui parte construída nessa época e outras duas em outros momentos, objetos utilizados pelos primeiros proprietários e os demais moradores, além do meio ambiente que existe nesse território. Neste capítulo, apresentarei parte da trajetória da instituição, observarei o que eles buscam preservar, quais métodos utilizam, se há uma relação com a comunidade, para posteriormente analisar a instituição, com objetivo de observar se este local se adéqua com o as perspectivas conceituais acerca de ecomuseu, anteriormente apresentadas.

2.1 Histórico

O Casarão de Tradição Luso-Açoriana que faz parte do Ecomuseu da Picada⁵, teve origem no século XIX, através da união de Graciano Mendonça com Maria Idalina Amaral. A família Mendonça chegou ao porto de Rio Grande em 1786, vindos do Arquipélago dos Açores. A partir da união de membros desta família com proprietários de terras da região, a família Mendonça estendeu seus bens e terras (TAGLIANI; HABIAGA; MENDONÇA; SANTOS; ALTMAYER).

O casarão construído na Fazenda da Picada, recebeu esse nome pela abertura de uma picada⁶ no mato que separava a várzea do terraço. A casa foi construída na parte mais elevada do terreno. Este foi também o local escolhido por possuir abundância de água e possibilidade de fácil manejo de gado e demais atividades rurais.

Segundo as análises realizadas pela arquiteta Lydia Habiaga, o casarão foi construído em três momentos, sendo o mais antigo anterior a 1876, uma construção mais simples. Inicialmente a construção foi dividida em duas peças, uma denominada “quarto de cama” e outra “o lar”, onde ficava a cozinha. A construção é alvenaria de tijolos feitos de barro e areia, com junta seca de madeira, e telhado de estrutura de madeira, com cobertura atualmente de

⁵ O Ecomuseu da Picada, localiza-se na cidade de Rio Grande, no distrito de Povo Novo, na estrada do Arraial. Para facilitar a localização, medimos a distância do Posto Ongaratto, localizado no Povo Novo, até o Ecomuseu da Picada. Percorre-se do Posto Ongaratto em direção a Rio Grande 7200 metros (7,2 km), dobrando então à esquerda em uma estrada de terra. Nessa estrada percorrerás 3000 metros (3 km) e encontrarás a porteira de acesso ao Ecomuseu. A distância da porteira ao Casarão é de 1200 metros (1,2km).

⁶ Leve corte realizado na mata com objetivo de possibilitar o acesso da várzea ao local onde fica a casa que está na parte mais alta do terreno.

telhas de barro. Estima-se que o piso tenha sido inicialmente de terra batida e substituído posteriormente por lajotas de cerâmica de forma quadrada, mais utilizada na época. A segunda construção foi realizada separada da primeira, nela constam três peças e ela parece ter um valor econômico mais elevado que a inicial, pois possui entre outros fatores, detalhes decorativos externos nas janelas. A última construção uniu as duas primeiras, fazendo a ligação destas com a área de refeição. “A construção em sua totalidade é considerada de grande simplicidade, onde se percebe as diferenças socioeconômicas que sofreu o empreendimento rural através das épocas” (TAGLIANI; HABIAGA; MENDONÇA; SANTOS; ALTMAYER, não publicado).

A Fazenda Picada foi herdada, segundo sua proprietária Dulce Helena Mendonça dos Santos, em 1984 através do testamento de sua avó. A atual proprietária representa a terceira geração dos Mendonça. Em 1993, Dulce Helena⁷ nomeou o local como Residencial Angra do Heroísmo, homenagem ao local em que ela visitou neste mesmo ano e se sentiu muito bem recebida. A Fazenda Picada passou a ser o Ecomuseu da Picada em junho de 1995, quando o etnógrafo da Faculdade dos Açores, professor Rui de Sousa Martins, visitou a instituição e disse que a proprietária estava descaracterizando as coisas, e que ela deveria valorizar quem ali morou e construiu. Sugeriu assim, que ali se criasse um espaço de memória da cultura açoriana, nomeando Ecomuseu da Picada.

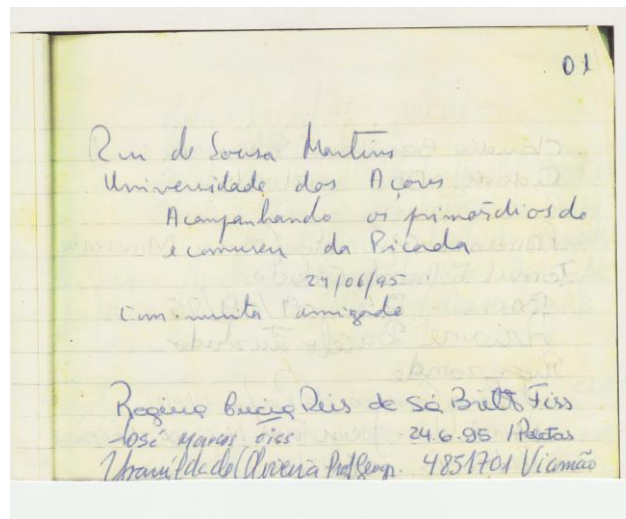


Figura 1: Imagem do livro de visitantes do Ecomuseu da Picada, assinado por Rui de Sousa Martins. Momento em que antigo Residencial Angra do Heroísmo passou a ser Ecomuseu da Picada. (Fonte: Dulce Helena Mendonça dos Santos)

⁷ Dados retirados de entrevista oral realizada no dia 24/05/2010, com Dulce Helena Mendonça dos Santos, proprietária do Ecomuseu da Picada.

A primeira visita a partir do momento que a Fazenda Picada passou a se denominar Ecomuseu da Picada, foi realizada por uma escola de Pelotas. Após a visita, os alunos pararam sob as figueiras e fizeram poemas relacionados ao meio ambiente. No entanto, foi no ano de 2000⁸, que a proprietária passou a se dedicar ao Ecomuseu. Nos anos de 2000 à 2002 o Museu contou com auxílio de estagiários do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – CAVG, para auxiliar na agricultura natural e passeios a cavalo, e foi neste momento, através da sugestão destes estagiários, que a instituição passou a abrir à visita nos finais de semana.

No Ecomuseu da Picada, além das visitas turísticas, ocorreram outras atividades, como a visita do Colégio Técnico Industrial Professor Mário Alquati, com as professoras, Claudia Cosin, Geografia, e Cleiva, Biologia. Elas iniciavam as atividades com um passeio pela Laguna dos Patos e terminavam nas trilhas e figueiras centenárias do Ecomuseu com um café colonial. Claudia Cosin realizou seu mestrado acerca dessas atividades. Segundo a proprietária, houve também o curso de observação, identificação e anilhamento de pássaros da região, realizado pelo professor Geraldo Mastrantonio, ornitólogo da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, entre outras atividades. Essas atividades foram constantes durante o período que Dulce morou no território do Ecomuseu, período esse que durou até 2004.

Em 2002 o casarão do Ecomuseu da Picada foi incorporado na relação de edificações de interesse sócio-cultural da cidade de Rio Grande. Neste mesmo ano, o Ecomuseu passou a fazer parte do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, fazendo parte da sétima região do Estado. Por essa época o Ecomuseu passou a ser uma associação, isso ocorreu a fim de que o local pudesse passar a contar com ajuda de órgãos públicos. Em 2003 a instituição foi declarada como uma Associação de Utilidade Pública pela cidade de Rio Grande. Desde 1996 o meio ambiente é considerado uma Reserva Particular de Patrimônio Natural pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente-IBAMA.

Até o ano de 2004, o casarão do Ecomuseu da Picada, foi habitado pela atual proprietária e sua mãe. Após saírem do local, ocorreu segundo Dulce Helena, um declínio das atividades que eram realizadas. No ano de 2007 acontecem algumas deteriorações na estrutura

⁸ Em 1997, após se aposentar, Dulce decidiu que gostaria de se tornar dona de um empreendimento turístico, assim realizando alguns cursos. Em 2000, ao voltar de Madri, Espanha, onde foi para uma feira de turismo internacional, Fitur, a proprietária passou a se dedicar menos à cultura gaúcha. Neste país participou de um curso relativo ao tema turismo e observou o que era esse turismo internacional e o turismo da Espanha, trouxe isso na “bagagem”, ocorrendo uma dedicação maior ao Ecomuseu da Picada.

do casarão e por esse motivo a proprietária retira alguns acervos do local. Em 2008, a presidência da instituição é passada para Cledenir Vergara Mendonça.

O Ecomuseu da Picada possui como objetivos, “*expor e comunicar, através da educação, da preservação, do estudo e do turismo, os testemunhos do homem local, sua cultura e a natureza circundante*” (HABIAGA et al., 2002, s.p.). No entanto, no momento ele não está desenvolvendo essas atividades, devido à falta de incentivo de órgãos públicos, que não auxiliaram na manutenção do prédio que está com sua estrutura abalada.

2.2 Preservação do Patrimônio

Por meio da entrevista realizada com Dulce Helena, buscamos observar qual patrimônio que a instituição busca preservar e quais atividades já foram realizadas, com objetivo de reconhecer tal patrimônio. Com isso, fomos informados acerca do patrimônio do Ecomuseu da Picada:

“O Sítio Histórico que envolve o casarão, o anexo, aonde era a lavanderia, aonde era a casa do forno, o que vai valorizar agora é o sítio escola do curso de Arqueologia, porque eles vão escavar, então agora vai vir a real história daquele espaço. Aquilo tudo é patrimônio, então nós temos um sítio histórico de coisas construídas, fora isso nós temos toda mata, por quê? Faz mais de 20 anos que não se planta nada, a não ser vaca e cavalo andando lá.”⁹



**Figura 2: Panela usada para “graxeira”.
(Fonte: Arquivo pessoal)**

⁹ Entrevista oral realizada no dia 24/05/2010, com Dulce Helena Mendonça dos Santos, proprietária do Ecomuseu da Picada.



Figura 3: Bacia e jarro de porcelana
(Fonte: Arquivo pessoal)

Ela citou também, os currais em formato quadrado existentes no território do Ecomuseu. Esse fato foi descoberto, segundo ela, por um estudioso de história o qual ela não recordava o nome. Ainda não foi realizado nenhum estudo específico em relação a esses currais que são feitos de gravatá e poderiam ser utilizados para prender animais, como é o caso de alguns currais de palma em Santa Vitória do Palmar.

O Sr. João Corrêa da Silva, 91 anos, natural de Santa Vitória do Palmar, que possui em sua propriedade um curral de palma, informou-nos: ‘(...) nunca cheguei a ver os tropeiros usá-los, mas meu pai contava que na época do meu avô costumavam chegar grandes tropas do lado da Mangueira, e aqui colocavam os animais durante a noite, e pelo dia ficava um indivíduo pastoreando os animais para não se afastarem muito (...)’ (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2006 p. 61).

Nos anos de 2002 e 2003, a instituição foi contemplada por um projeto denominado “Meio Ambiente e Arquitetura do Ecomuseu da Picada-Arraial, Rio Grande/RS”, através da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAERGS. Por meio deste projeto foram realizados alguns trabalhos, como: resgate da história do local; definição dos valores arquitetônicos do casarão, sede do Ecomuseu da Picada; identificação da fauna do meio ambiente local; restauração de cinco móveis, além de impressão de *banners* informativos, construção de site do Ecomuseu, limpeza e pintura externa e interna do casarão e; confecção de folder com informações relacionadas à instituição. Com isso, o Ecomuseu da Picada passou a conhecer um pouco mais sobre seu próprio patrimônio.

No momento, parte do acervo do Ecomuseu da Picada encontra-se comprometido, apesar de o casarão ser considerado uma edificação de interesse sócio-cultural da cidade de Rio Grande, desde 2002. A instituição não está conseguindo nos últimos anos apoio de órgãos públicos para auxiliar na manutenção do casarão e, conseqüentemente, no acervo que fica abrigado neste local. Neste ano, o Ecomuseu foi incluído também no Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul.



Figura 4: Documento comprovando o registro do casarão como patrimônio de interesse sócio-cultural de Rio Grande.

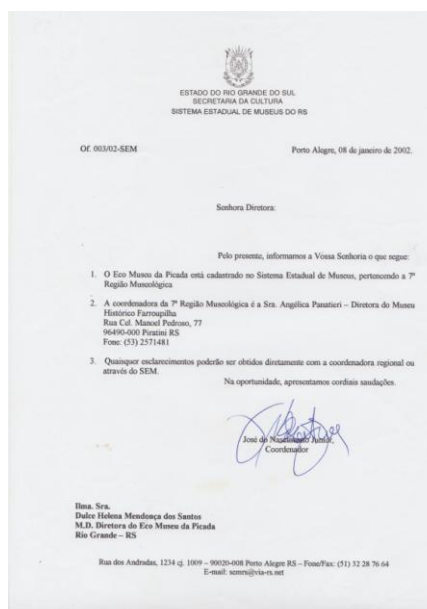


Figura 5: Documento de inclusão no Sistema Estadual de Museus do RS.

O casarão está deteriorado, sem parte do telhado e algumas paredes, por segurança, sustentadas com escoras de madeiras. Parte do acervo, em especial os que ficavam no local em que o telhado caiu, estão na atual residência da proprietária do Ecomuseu. O acervo que continua no casarão está, em sua maioria, coberto com panos, já que a estrutura do telhado faz com que caia poeira no acervo. Devido a esses problemas, o Ecomuseu não está aberto à visitação.



Figura 6: Casarão antes de estar com problemas estruturais. (Fonte: Dulce Helena Mendonça dos Santos)



Figura 7: Casarão com danos estruturais, sustentado com escoras de madeira. (Fonte: Arquivo pessoal)

O Ecomuseu da Picada não possui documentação do acervo, ou seja, o patrimônio existente na instituição. A proprietária possui conhecimento da importância do inventário e de uma reserva técnica, no entanto, a falta de auxílio faz com que ela não consiga executar essas ações.

Em relação ao ecossistema, já foram realizados alguns trabalhos objetivando saber quais espécies existem na flora e fauna da região. Os trabalhos referentes à fauna foram realizados observando as aves que passam e utilizam o território do Ecomuseu da Picada para, por exemplo, se alimentar. O responsável pelo levantamento das aves, Geraldo Mastrantonio, ornitólogo da UCPel, observou mais de 80 espécies sendo que no relatório da FAPERGS, entre os pássaros citados, existem 4 que estão ameaçados de extinção. *“O sítio é de grande beleza, está num local alto, onde se divisa o entorno, com mata nativa em abundância e duas “Figueiras” centenárias, que dão o marco relevante a casa rural”* (TAGLIANI; HABIAGA; MENDONÇA; SANTOS; ALTMAYER, não publicado).



Figura 8: Figueiras Centenárias. (Fonte: Arquivo pessoal da autora)

Com isso percebe-se que o Ecomuseu da Picada possui um acervo diverso, mas atividades relativas ao patrimônio material, que ficariam expostos no casarão, não ocorrem. A possível parceria com o Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, poderá fazer com que se tenha um melhor controle dos objetos e cuidados referentes a sua conservação. Com as escavações realizadas pelo curso de Arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG no território do Ecomuseu, outras informações referentes às pessoas e culturas que por ali passaram, poderão ser produzidas. A preservação do ecossistema é importante, pois a instituição busca preservar também, os vestígios da moradia rural.

2.3 Relação com a “comunidade”

Como já colocado anteriormente, em um ecomuseu a comunidade é parte participante, ela é representada e atua na instituição. Por esse motivo, consideramos relevante que fossem realizadas entrevistas com os moradores de Povo Novo, com objetivo de saber se eles ou freqüentadores da região, conheciam e sentiam-se representados no Ecomuseu da Picada e se eles acreditavam que a instituição possuía alguma importância para a população local. No total foram entrevistadas 15 pessoas na região urbana do distrito de Povo Novo que atuavam no comércio, em escolas e locais públicos.

Inicialmente perguntamos se o entrevistado morava em Povo Novo, para que assim pudéssemos analisar as respostas posteriores. Se o entrevistado não morasse na região, o não conhecimento do Ecomuseu da Picada seria compreendido de forma diferente dos que ali residem e que no local deveriam ser representados. No total dos 15 entrevistados, 11 moravam em Povo Novo e 4 não moravam naquela região.

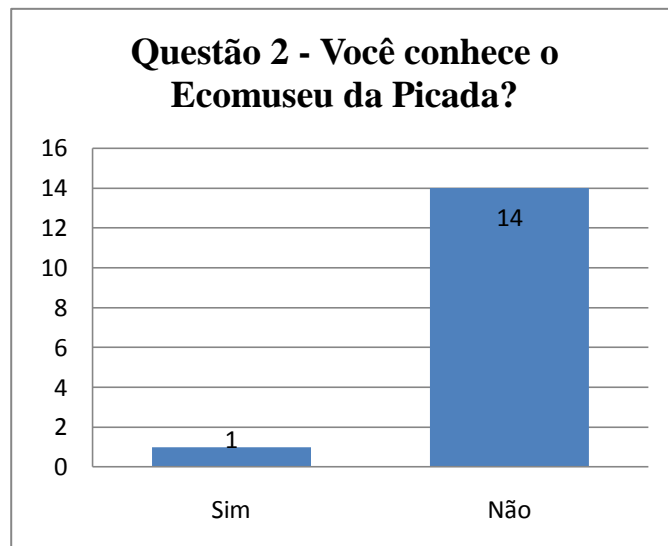


Gráfico 1: Gráfico referente à questão número 2, do questionário realizado no distrito de Povo Novo.

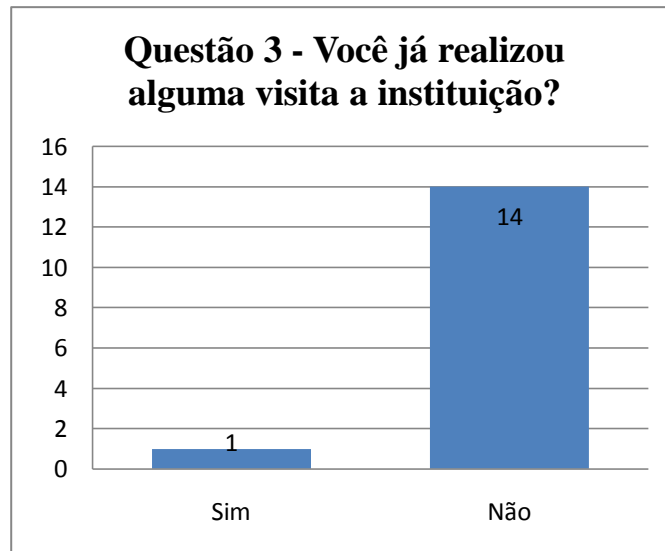


Gráfico 2: Gráfico referente à questão número 3, do questionário realizado no distrito de Povo Novo.

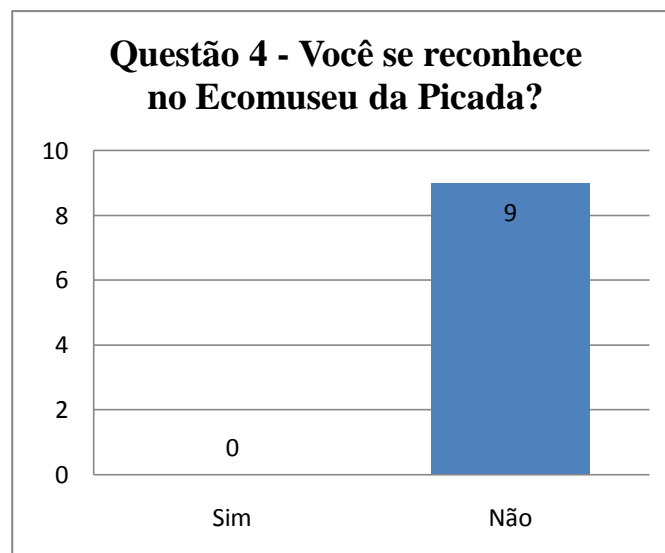


Gráfico 3: Gráfico referente à questão número 4, do questionário realizado no distrito de Povo Novo.

Nas questões de número 2 e 3, podemos observar que dos 15 entrevistados somente um conhecia o Ecomuseu da Picada e havia realizado apenas uma visita à instituição. Neste momento podemos perceber que a população de Povo Novo não participa do Ecomuseu, pois elas não possuem interesse e desconhecem o que há nele. Na questão 4, alguns entrevistados não responderam e disseram que não sabiam o que havia no local e, portanto, não poderiam

respondê-la. Observa-se, no entanto, que a única pessoa que já havia visitado o Ecomuseu não se sentia representada na instituição.

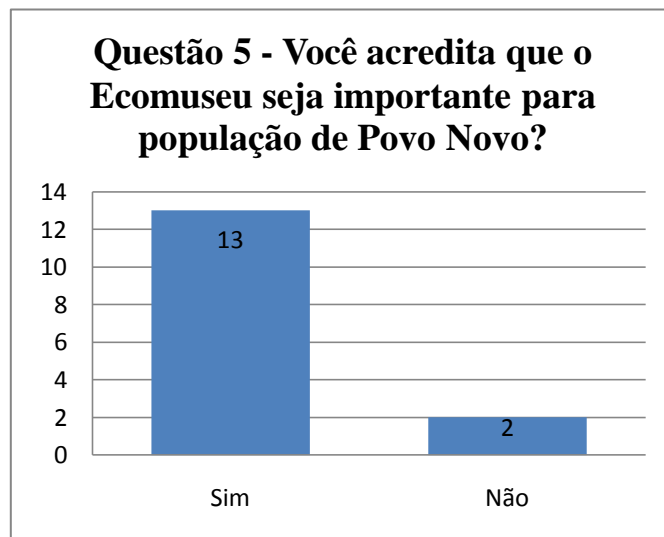


Gráfico 4: Gráfico referente à questão número 5, do questionário realizado no distrito de Povo Novo.

Na última questão podemos observar que a população de Povo Novo considera o patrimônio, independente de ser representativo para o povo da região, importante, já que 9 não se reconhecem no local, e, no entanto 13 consideram o Ecomuseu da Picada importante para a população. É interessante dizer que muitas vezes na hora de marcar a resposta as pessoas comentavam que todo museu é importante, algumas acreditavam também que era interessante para o desenvolvimento do turismo. Outro fator que merece atenção é que, das duas pessoas entrevistadas que não consideram o Ecomuseu da Picada importante, uma delas é a única que disse conhecer a instituição. No entanto, ela não fez nenhum comentário no decorrer do questionário, como já dito antes, ela não se reconhecia na instituição e como moradora da região, ela não acredita que o museu irá acrescentar algo para população.

Na entrevista realizada anteriormente com a proprietária Dulce, já havia nos sido informado que a população de Povo Novo não conhecia o Ecomuseu. Ela disse que a instituição não é valorizada pelas pessoas do distrito. No geral os visitantes do Ecomuseu da Picada são de escolas de outras regiões. Dulce pontuou que a maioria dessas visitas aconteceu enquanto ela ainda residia no local, até o ano de 2004.

A avaliação dos visitantes e a visão da proprietária são importantes para observar a relação do museu com a comunidade. Através disso podemos analisar se o Ecomuseu da Picada possui em sua constituição uma das premissas essenciais em um ecomuseu, **a relação intrínseca com a comunidade.**

Considerações Finais

Considerando que um dos objetivos desta monografia é buscar analisar as discussões e debates em torno do conceito de ecomuseu e sua aplicação, percebe-se que apesar destas instituições possuírem a autonomia de se desenvolver e se definir de acordo com a comunidade, elas possuem padrões a serem obedecidos. A necessidade do envolvimento com a comunidade, a preocupação em não só representar a cultura que atua no momento no determinado território e a exposição da morfologia do território, são aspectos importantes para existência de qualquer ecomuseu.

A necessidade de tantas exposições em somente um local faz com que a existência de um ecomuseu seja pouco viável. Para que essas instituições existam concretamente, se faz necessária a participação de muitos profissionais para analisar o território, a fauna, a flora, os artefatos existentes, além ainda, de profissionais que atuem com a comunidade, ajudando-a a compreender seus problemas e auxiliando na escolha do que deverá ser preservado.

Além disso, a terminologia “ecomuseu” passou a ser utilizada por diversas instituições que não tinham a missão e a concepção expográfica compatíveis com os padrões estabelecidos. Com isso algumas instituições podem ter vindo a utilizar esse termo de forma incorreta, ocorrendo assim uma apresentação e um entendimento equivocados sobre ecomuseu, para a sociedade.

Deve-se lembrar também, que conforme apresentado no decorrer deste estudo, inicialmente o termo ecomuseu representaria os Parques Naturais. Posteriormente sendo utilizado pelo Museu Le Creusot–Montceau, denominando essa instituição e as que viessem surgir nesses modelos como “ecomuseu de desenvolvimento”, podendo surgir neste momento os problemas relacionados à terminologia. Não podemos culpar as instituições pelo seu mau uso, pois no cerne da própria discussão teórica e acadêmica, existem problemas relativos à definição do que deve ser um ecomuseu e se ele realmente existe, podendo assim, confundir as pessoas diretamente envolvidas no dia-a-dia destes museus.

O Ecomuseu da Picada é um exemplo de instituição que utiliza a terminologia sem possuir os padrões minimamente estabelecidos. Como mostrado no decorrer do trabalho, através da pesquisa com pessoas que residem em Povo Novo e inclusive na entrevista realizada com Dulce Helena, proprietária do Ecomuseu, fomos informados que a população não participava e nem visitava ou já visitou essa instituição. Tal questão não foi observada no

momento da denominação do espaço como Ecomuseu. O etnógrafo Rui de Sousa Martins, quando sugeriu que o antigo Residencial Angra do Heroísmo se intitulasse Ecomuseu da Picada, não se ateve aos principais aspectos ontológicos de um museu deste tipo. Podemos perceber, assim, que a visão que ele possuía do que é um ecomuseu, é diferente das que neste trabalho são expostas.

O Ecomuseu da Picada não possui profissionais para analisar seu território e ecossistema, e nem para possivelmente trabalhar com a população de Povo Novo. Ele enfrenta inclusive, problemas básicos referentes à documentação e preservação do seu acervo. Pode-se observar, neste momento, os problemas quanto à viabilidade da construção de um ecomuseu com as características que os teóricos dizem que estas instituições devem possuir. As parcerias com o Curso de Arqueologia da FURG e o Curso de Museologia da UFPel, poderão fazer com que o Ecomuseu da Picada alcance tais requisitos. Posteriormente com as escavações, o museu poderá também, obter e transmitir informações relativas a outras culturas que naquele território habitaram.

Por fim, é importante ressaltar que independente da tipologia da instituição, o Ecomuseu da Picada é um local que preserva a memória e o ecossistema daquela região. Nele há o casarão do século XIX, objetos representativos dessa época, um meio ambiente a ser preservado e também há possibilidade de neste local serem descobertas outras informações através de pesquisas realizadas. Sendo assim, o Ecomuseu da Picada é importante, pois ele preserva aspectos vividos naquele local e um ecossistema representativo da região.

Fontes Primárias:

- Entrevista realizada com a proprietária do Ecomuseu da Picada, Dulce Helena Mendonça dos Santos, realizada no dia 24/05/2010.
- Questionário aplicado com 15 pessoas no Povo Novo, no dia 26/05/2010.

Referências Bibliográficas:

- BELLAIGUE, Mathilde. Ecomuseus e Arqueologia Industrial. In: SCHEINER, Tereza. Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. UNIRIO, caderno de textos 1, 2000.
- CAMACHO, Clara. Museu e Participação das Populações: contributo para o debate. In: SCHEINER, Tereza. Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. UNIRIO, caderno de textos 2/3, 2000.
- CHAGAS, Mário. Resposta de Hugues de Varine às perguntas de Mário Chagas. **Caderno de Sociomuseologia**, v.5, p. 5-12, 1996. Disponível em: <
<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/viewFile/248/157>> Acesso em: 15 nov. 2009.
- CLAIR, Jean. As Origens da Noção de Ecomuseu (1976). In: SCHEINER, Tereza. Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. UNIRIO, caderno de textos 1, 2000.
- Declaração de Quebec. In: SCHEINER, Tereza. Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. UNIRIO, caderno de textos 1, 2000.
- ÉVRARD, Marcel. O Ecomuseu: apreensão da temporalidade, expressão transitória da identidade. In: SCHEINER, Tereza. Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. UNIRIO, caderno de textos 1, 2000.
- FREITAS, Sônia Maria. História Oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.
- GALÍCIA, Yolanda Ramos. Criar Seu Museu – uma experiência comunitária. In: SCHEINER, Tereza. Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. UNIRIO, caderno de textos 2/3, 2000.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Patrimônio Cultural e Narrativas Nacionais. In: A Retórica da Perda. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 11-35.
- _____, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, ano 11, n.23, p. 15-36, jan./jun.

2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832005000100002&script=sci_arttext> Acesso em 28 jun. 2010.

GUTIÉRREZ, Ramón. História, Memória e Comunidade: o direito ao patrimônio construído. In: O direito à Memória, Patrimônio Histórico e Cidadania. Prefeitura Municipal de São Paulo, 1992, p. 121-127.

HABIAGA, L. et al. Políticas Públicas e o Ecomuseu da Picada. Trabalho enviado ao VIII Simpósio do curso de pós-graduação em ciências da Engenharia Ambiental [da] Universidade de São Paulo.

HOMERO, Adler. Patrimônio Imaterial: Problema mal-posto. **Diálogos** – Revista Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História [da] Universidade Estadual de Maringá, v.10, n.3, p. 97-116, 2006. Disponível em: <http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=76&path%5B%5D=pdf_60> Acesso em : 28 jun. 2010.

NABAIS, Antonio José Maia. Ecomuseu do Seixal – Museologia Participativa. In: SCHEINER, Tereza. Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. UNIRIO, caderno de textos 1, 2000.

OLIVEIRA, Osvaldo André; TEIXEIRA, Claudia Adriana R. Os Currais de Palma em Santa Vitória do Palmar, RS, Brasil. **Biblos** – Revista do Departamento de Biblioteconomia e História [da] Universidade Federal do Rio Grande, v.19, p. 61-73, 2006. Disponível em <<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/article/view/255/68>> Acesso em: 14 jun de 2010.

PESSOA, Fernando Santos. **Reflexões sobre Ecomuseologia**. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Museu e Comunidade: uma relação necessária**. Texto a ser apresentado na 13ª Reunião Anual do Instituto Biológico, a ser realizada em São Paulo, no período de 6 a 11 de novembro de 2000. Disponível em: <http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_COMUNIDADE_2.pdf> Acesso em: 30 jun. 2010.

SCHEINER, Tereza Cristina. Museologia, Educación y Acción Comunitaria. In: Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. UNIRIO, caderno de textos 2/3, 2000.

- TAGLIANI, P.; HABIAGA, L.; MENDONÇA, C.; SANTOS, D. H. M.; ALTMAYER, F.
Relatório para Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul
relativo ao projeto Meio Ambiente e Arquitetura do Ecomuseu da Picada –
Arraial, Rio Grande/RS, mar. 2002 à mar. 2003. (não publicado)
- VARINE, Hugues de. A Nova Museologia: Ficção ou Realidade. In: Museologia Social.
Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2000. p. 21-
33.
- _____, Hugues de. El Ecomuseo. Uma palabra, dos conceptos, mil prácticas. **Revista de
los Museos de Andalucía**, ano 5, n.8, p. 19-28, julho de 2007. Disponível em:
<[http://www.juntadeandalucia.es/cultura/museos/media/docs/PORTAL_musa_n8.
pdf](http://www.juntadeandalucia.es/cultura/museos/media/docs/PORTAL_musa_n8.pdf)> Acesso em 19 abr. 2010.
- _____, Hugues de. O Ecomuseu. **Revista Ciências e Letras**, n.27, p.61-90, jan./jun. 2000.
- _____, Hugues de. Patrimônio e Cidadania. In: Museologia Social. Porto Alegre: Unidade
Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2000. p. 7-10.
- _____, Hugues de. Repensando o conceito de museu. In: SCHEINER, Tereza.
Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento. UNIRIO, caderno de
textos 1, 2000.
- <<http://www.dji.com.br/>> Acesso em: 01 maio 2010
- <<http://www.unesco.org/pt/brasil>> Acesso em: 01 de maio de 2010

Apêndice:

Questões para proprietária do Ecomuseu da Picada, Dulce.

- Quando surgiu a Fazenda Picada e o casarão?
- Quais atividades econômicas foram realizadas até se tornar Ecomuseu?
- Quando a Fazenda Picada passou a ser visitada? Quais foram as expectativas? A transição até se chamar Ecomuseu da Picada.
- O que vocês consideram patrimônio? Quais são os patrimônios da instituição? Quais patrimônios consideras mais relevantes?
- Que métodos vocês utilizam para conservar os objetos? Existe algum registro dos acervos que o Ecomuseu possui?
- Quais atividades a fim de descobrir aspectos referentes ao solo e meio ambiente do Ecomuseu foram realizadas? Pesquisadores que já realizaram trabalhos no Ecomuseu.
- Há atividades com a população em geral? E com a comunidade de Povo Novo?

Apêndice 1: Questões que guiaram a entrevista oral realizada com Dulce Helena Mendonça dos Santos.

QUESTIONÁRIO

1. Você mora em Povo Novo? Sim Não

2. Você conhece o Ecomuseu da Picada? Sim Não

3. Se a resposta anterior for sim, você já realizou alguma visita a essa instituição?
 Sim Não Quantas vezes? _____

4. Você se reconhece no Ecomuseu da Picada?
 Sim Não

5. Você acredita que o Ecomuseu da Picada seja importante para população de Povo Novo Sim Não

Apêndice 2: Questionário aplicado em Povo Novo.